

O TRICENTENARIO DO CEARÁ

A EVOLUÇÃO CEARENSE



ERODOTO (Historias I—Clio—168) conta-nos—que Hieron, de Siracusa, fundara a cidade de Ætena e ficara gosando das homenagens dos fundadores, do culto dos instituidores da sociedade.

Casos identicos refere Plutarcho sobre outros eponymos. Era a chamada festa do fundador, da alma tutellar de cidade—que era o homem sagrado—á quem as gerações prestavam culto fervente de amor—lembrando-o—em seus lares—com pomposas cerimonias.

I) Era nas civilisações primitivas—que já sabiam render vassallagem aos homens—que por seu tamanho desmedido de coração, de espirito, de caracter—punham-se a frente dos acontecimentos—encaminhando-os á geito—segundo era a crença de então. Eram acatados, como seres divinisados.

Nas sociedades modernas--domina -por intuitos outros—a mesma respeitosa veneração aos grandes ho-

mens que actuam de modo energico na epocha e no meio.

Celebram-se as grandes datas—que fronteiram factos notaveis na vida dos povos.

Desde 1874—com a sumptuosa recordação do 5.º centenario de Petrarcha na Italia—solemnisam-se na Europa os centenarios dos grandes typos—que representam o progresso, os grandes principios, o poder espiritual da sciencia—influindo sobre o nivel moral da sociedade.

Em o anno derradeiro do derradeiro seculo festejou o Brasil o 4.º centenario do seu descobrimento—perpetuando no bronze a memoria do almirante portuguez—Pedro Alvares Cabral—o feliz descobridor da terra da *Vera Cruz*.

2) Celebra este anno o Ceará a festa tricentenaria do seu achamento—para dizer bem seguro—que lhe compete lugar ao sol—por intervenção immediata—como factor pequenino, mas atilado e laborioso—nos lavores da civilisação brasileira, em suas mais finas teceduras.

O alcance philosophico da festa—é fazer sobresahir uma força apparentemente minima pela exiguidade do *habitat*, apertada de mais physicamente, mas da maior valia por seus attributos intimos e pelas cercaduras—que a envolvem.

E terá o Ceará a clara intuição do prestimo d'esta commemoração? Alcançará—com precisão—toda a justeza, toda a justiça, todas as consequencias a advirem? E' tempo de um balanço, de um estudo do estado dos espiritos na epocha do descobrimento e do actual, de reparar a travessia feita -para tirar o saldo da civilisação.

Deste confronto deve manar grata licção a fartar de ineffavel desvanecimento a este pequeno tracto do solo brasileiro.

Venham os competentes proceder as necessarias averiguações -apurando o phenomeno—na mira assigna-

lada. Venham fazer o estudo da vida mental, affectiva, economica e physica do cearense, o estudo das leis de sua evolução.

3) Madrugou a terra de Pompeu e José de Alencar nos primeiros alvores da manhã do XVII seculo—que deixou na sequencia das éras o debuxo de grandes façanhas a crescerem na esculptura da historia.

Foi—ha 300 annos—que em alaridos cariciosos penetrou na fachada da basilica da deusa austera da trombeta e do livro esta terra tão trabalhada de pugnas renhidissimas.

Fazer hoje ligeiro passeio retrospectivo—até o balouço do modesto berço e voltar—acompanhando o nosso avançamento na esteira da evolução humana—que é fatal e nos arrasta para adiante—é facto justificado e aguilhoante do amor filial.

Lembrar a faustosa data intensifica a nossa actividade para o mourejar de noite e dia.

Tem sido de preço o desenvolvimento do Ceará—que synonymisa um ensinamento de energia, de ousadia, de intelligencia, de resistencia a mais exhaustiva faina.

4) A feição da sociedade do tempo da descoberta distancia—se da nossa por immenso vallo.

Do viver quasi animalisado dos pobres tapuyos de 3 seculos atraz, então os donos da gleba, ao nosso conforto de hoje—vae longa caminhada na conquista da melhor situação.

O avançamento tem sido lento. A evolução vae devagar, fatalmente, mas sempre para adiante.

Dentro do magno facto da sociologia—que leva os povos de um estado inferior para um superior—e que ella denomina—dynamico—tambem nos aquinhôam os fados para melhor. De hora em hora o adiantamento vem.

A que devido? Quaes as causas impulsionadoras? Qual a força motriz? As suas naturaes? Ou provêem de combinações politicas—arbitrarias, convencionaes?

Estará o caso preso as fatalidades mesologicas? Ou ás contingencias da sorte? A circumstancias extrinsecas?

Qual a theoria explicadora?

Do alluvião de factos deve decorrer a lei primaria de seu desenvolvimento ascencional. Qual? Onde desvendal-a?

Herder, o sagacissimo philosopho allemão no seculo atrasado já tirava a philosophia da historia da descripção physica da terra.

Montesquieu—o sabio publicista do «*Espirito das Leis*» engolfado na mesma visão—foi um dos precursores na demonstração da influencia dos climas.

Mais tarde Michelet, o genial historiador francez—assentava as linhas principaes de sua «*Historia da França*»—na importancia summa da mesologia.

Do relevo e posição do solo cearense deriva-se a sua *endemia*. E esta—penso—é o casulo precioso do genio cearense—estimulando-o, faceiando-o para a iniciativa, para as aventuras, para um trabalhar sem treguas.

Aqui bem parece accordar-se o facto á theoria.

A crueza do meio cosmico creou o instincto—que faz do cearense—o luctador intemerato.

Assim como a fortaleza da tempera do hollandez abrolha no mundo fragoso—que o agasalha, assim a secca endurece e esperta o animo cearense—aprumando o rijo e bem desempenado para todos os lances do destino.

Como no portuguez domina a aventura maritima—olhando—na visinhança do mar—em vez de uma tapagem chineza—um incitador de suas energias—assim tambem a fatalidade de nosso meio physico—satura o genio cearense de actividade e energias, de pertinacia e aventuras, de vida e iniciativa.

Peço permissão para passar para aqui o que no vol. 6.º da «Revista da Academia Cearense» tratando de um livro sobre o Ceará—disse eu—«do meu modo

de ver a calamidade cearense—que—como o Janus mythologico ou qualquer phenomeno tem duas faces—uma—a bem visivel, a primeira reparada e sentida—que é horrenda, a outra velada, menos sensivel, mas muito suggestiva, tão real—como aquella.

As seccas formam a espinha dorsal do Ceará. Não é isto um paradoxo. O estoico Seneca—o insigne philosopho latido escreveu o panegyrico da adversidade, que é, posso assegurar, o rijo molde do caracter, da coragem, das supremas energias.

O homem—que levanta o braço alcança o galho da arvore e colhe o fructo maduro, abaixa a mão e tira a agua na cisterna a seus pés—não precisa trabalhar—vive dono da cornucopia da abundancia—é um indolente, um preguiçoso, um descuidado, um apathico.

O cearense está entre a fortuna deste homem e o supplicio do Tantalo do mytho grego. Em solo inclemente—de vez em vez varrido de sopros quentes—sob um ceu incendiado—que o cobre—nada consegue sem esforços inauditos—é trabalhador, energico, pertinaz. Tem no phenomeno a escola de sua actividade. O meio é crú, a lucta é violenta, mas o seu desfecho deixa-o de pé e mais forte. Não o escarneçam os seus irmãos—felizes em meios amigos, mansos, bemfazejos. E' ingrato o seu, de quando em quando—assedia-o dos maiores tormentes—obrigando-o a resistencias descommunaes. Mas o destino que o desabriga na briga com as agruras do meio physico—o favorece no lance final. E' o seu lenitivo.

O fado cearense não é a fatalidade dos romanos—sempre malvada—é a figura desenhada por Homero com duas urnas—a das amarguras e a da felicidade. Enreda-o a desgraça despiedosa, enche-o de afflicções, sacode-lhe pesadas nuvens pretas, tenta afogal-o em torturas seu nome, depois.... sopra o vento da bonança, vão-se os vapores escuros, faz-se limpido o firmamento e o destino derrama a cornucopia dos dias felizes.

E' a secca—repito—a disciplina do trabalho e do caracter, o apanagio do Ceará—á quem se pode applicar o conceito francez—*«a quelque chose malheur est bon.»* Em seus revezes periodicos—apura todas as suas energias—para triumphar na lucta da vida.

Na atmosphera da calamidade accordam no cearense—qualidades que dormiriam o somno do Epimenides no ambiente do bem estar permanente, remançoso.

E' de lembrar o *«ce qu'on voit et ce qu'on ne voit pas»* de Fred. Bastiat á proposito do franco economisado na invenção da machina. Immediatamente—a secca—qual Pandora entornando o cofre dos flagellos—infortuna a terra—com as suas abominações—*«ce qu'on voit»*.

Por detraz está a outra face do quadro. Na extrema raia dos destroços emerge profunda, vivaz, austera a licção da vida. No fundo do vaso mysterioso brilha o bloco de ouro do beneficio, da compensação—*«ce qu'on ne voit pas»*.

E' o que nos ensina a velha experiencia das edades pela penna do superno mestre H. Spencer—«ha uma alma bôa nas cousas más, como ha uma alma de verdade nas cousas falsas.»

A actividade do cearense se estimula no endurecimento do meio physico que lhe augmenta o gráo de tensão. Apoz a força de retracção—vem a força de expansão—que multiplica todas as faculdades. E' o segredo maravilhoso da grande lei das compensações.

O cearense não se zanga com o destino. Bemdiz a sua sorte e moureja sem cessar e é feliz na sua vida afanada. A secca nos dizima, nos reduz a crises formidaveis—para fazer-nos grandes, os descobridores da grandeza da Amasonia, os primeiros e mais procurados colonos do norte e do sul do pais.»

Não poderá d'este trecho escapar-se como de um subsolo—o broto a fazer-se a nossa formula historica?

Não estarão alli dentro os filetes da enfibratura do cearense?

O cearense é o que é—principalmente pelo *condi-*

cionalismo topographico—que o amolda—um forte de todas as refregas no turbilhão da vida.

Os penhascos deste oceano não o amedrontam —porque elle vê alem, mais adiante, mais longe a imagem captivante e feiticeira da fortuna—sereia deslumbrante—a presagiar-lhe—muita vez—dias bonançosos. E sem embotar-se-lhe o animo—atira-se aos escolhos, salta por sobre os parceis e vae o itinerario traçado na hora do plano—que tenta realisar.

Será o eterno pariá da legenda hindoua, mas tambem o eterno Anteu mythico—o incançavel a cobrar novos alentos na lucta—que é a *vis movens* a sacudil-o para a frente.

Para comprovar o meu dizer—lembro um caso ouvido de alguns lustros. Palestravam annos atraz no convez de um transatlantico que vinha da Europa um illustre commerciante da Fortaleza e um consummado estadista brasileiro do sul—que terminava um demorado passeio de circumnavegação e contava peripecias interessantes de sua excursão por terras e povos d'alem. «Chamou-me a attenção—dizia elle ao cearense que o ouvia enlevado da facundia da narração—um caso de repetição continua e muito lisongeiro para a sua terra —por todas as paragens do mundo civilisado—que acabo de percorrer—dei com patricios seus na labuta da vida.»

E' de certo—uma face do espirito cearense—digna de reparo.

E' de facto o cearense a verdadeira figura d'aquelle sympathico Cartaphilo da legenda na indagação da verdade—por todos os cantos do globo.

Recordemos.

Todo o nosso melhoramento material, intellectual e moral presente e futuro—enraiza de dentro da fenda do nosso passado d'onde desabotôa em flores louçãs.

A nossa cultura vem de 300 annos—sempre se fazendo mais intensa—sempre se fazendo mais extensa—

sempre dilatando a esphera de suas diligencias, de seus esforços.

A conquista desligou-o do desconhecido e sahindo desse adyto escuro rumou o Ceará para a civilisação—atravessando atrevidamente barreiras de todas as alturas, descendo valles profundos, subindo montanhas alterosas—por entre arestas agudissimas, mas accelerando o passo na proporção do afastamento do ponto de partida.

Vem de 300 annos a tradição cearense merecedora de ser hoje fitada de perto.

Notavel escriptor contemporaneo biographando a um outro não menos insigne e dando balanço aos trabalhos literarios da epocha conclue—por estas palavras desoladoras: «esta geração tem o aspecto de ter falhado.»

Não adjectiva tão feio vocabulo ao caso cearense. Não. Não é a palavra a marcar o nosso percurso. Não. Não é. De vagar, ora estratagemando na sua lida—como Penelope na sua teia inacabavel—ora avançando de vez em vez um passo—o Ceará no seu decorrer historico se tem muita vez posto em foco. Bem haja!

E desde os seus inicios,—devo redizer para accentuar—vem contribuindo com parcellas de valiosa medida para a bonita somma da evolução brasileira.

Agora mesmo—lá nos extremos noroestes do pais—fascina—como um encanto dos contos orientaes uma região opulentissima—deixando entrever thesouros inexhauriveis e a enfeitiçar ao mundo inteiro, que a espreita com olhos cobiçosos—tão compridos.... E' o Acre. E' uma descoberta do cearense aventureiro—em pelejas porfiadas, muito *acres*.

Carecerá dizer?

O genio cearense? A sua tenacidade? Para o Acre internaram-se como na barca do barqueiro Charonte uns 100 cearenses em demanda não do esquecimento, mas do *el-dorado*, da nova Manoa, a seductora capital do pais das riquezas mysteriosas,

Lá o impaludismo arrebatou 95. Voltaram os 5 sobreviventes.

Para o descanço? Para o desalento? Por medo? Fugindo ao perigo? Não. Não. O medo não se entranha na fibra cearense, porque ogu é palavra da giria cearense. Diga-o a guerra do Paraguai—onde o voluntario cearense fez prodigios de valor, indo direito ao perigo, cobrindo-se de gloria.

Voltaram a buscar novos recursos, novos alentos, novos companheiros a continuarem a lucta arriscadamente tentada.

O cearense é a figura da resistencia. Lucta, cambalêa um instante nos encontros, endireita-se, investe e vence ou morre, logo substituido por outros que estiram a linha de combate.

6) Devo apontar alguns vultos bem altos nos differentes estadios da estrada. Nos começos da jornada sobresahem os capitães-móres Pedro Coelho, Martins Soares Moreno, os jesuitas Francisco Pinto, Luiz Figueira—arredando do leito do caminho cardos que o entupiam—aclarando-o, plantando a semente fecunda da bôa nova. E vão marginando-lhe as curvas nomes caros ao nosso carinho—estrangeiros—portadores da civilisação, os Vieira e outros, e no seculo ultimo—autocthones a se passarem para a historia nacional—Filgueiras, Tristão, Pinto Madeira, Antonio Manoel, Bolão, Carapinima, Mororó, Ibiapina, Padre Alencar, Pompeu, Sampaio, Tiburcio, Clarindo, José de Alencar e tantos—como melhor dirão os mestres da escripta e da historia nas folhas a seguirem.

A liberdade—de ha muito foragida—deixando apenas o nome na tradição e na letra morta da carta constitucional—teve morada predilecta n'esta terra—onde fez a revolução de 17, a republica do Equador, a independencia do Icó, o pronunciamento republicano de Quixeramobim, o 1.º de janeiro do Acarape—o primeiro municipio livre do paiz, o 25 de março da primeira provincia sem escravos.

7) Em despedida.

Quero apenas mostrar a minha alegria com os solemnisadores da primeira data cearense.

Venho trazer o meu pequeno preito aos homens e as cousas—que nos dão realce no meio brasileiro—em cuja marcha ascensional—o cearense pequenino, pobre, esquecido, despresado, ao Deus dará, cá dos longinquos planos do norte muito em pé, sempre no seu posto—aponta o caminho do futuro—cujo segredo tambem apanhou. Não é, portanto, esta região um taco de terra perdido, sem significado, no mappa brasileiro.

Quem entremea bellas datas de luz e liberdade, paginas douradas na historia—quem alicerçou a aurea lei de 88—que rasourou a todos os brasileiros—quem descobriu o Acre- ora tão desputado, as opulencias amasonicas—um mundo tão invejado—quem.... bem merece da patria.

Muito justa a apotheose do natalicio cearense.

Fortaleza—julho—03.

PEDRO DE QUEIROZ.

